

A LEI Nº 10.639 E SEUS REFLEXOS NA LITERATURA BRASILEIRA: ENFOQUES

Janaína da Silva Sá*

Resumo: Esse trabalho tem como intuito de trazer à baila a discussão acerca de autores negros que, em seus textos literários, apresentam como foco primordial a representação de suas vivências e realidades. Assim, procura-se entendê-los como indivíduos participativos no processo da identidade cultural brasileira. Acredita-se que a aproximação desses escritores seria de grande aproveitamento, a fim de se lançar um olhar para a realidade da falsa democracia racial que ainda se vivencia hoje no Brasil e consequentemente nas escolas. Para tanto, traz-se a cena o nome da escritora Carolina Maria de Jesus, sucesso editorial no ano de 1960, com a publicação da obra *Quarto de despejo*, e que anos mais tarde caiu no esquecimento. Alia-se a esse intuito a discussão acerca da viabilidade da Lei 10.639/2003.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Lei. Identidade.

Introdução

Hoje, no Brasil, as políticas públicas educacionais mostram uma crescente preocupação no que diz respeito a uma abordagem curricular que contemple uma perspectiva étnica. Já ano de 2008, a Lei nº 11.645/08 acresce a participação do elemento indígena como representante ativo desse processo.

A partir desse enfoque pretende-se averiguar como novos escritores afro-brasileiros estão sendo trazidos para o debate do público leitor e se efetivamente há o diálogo com as instituições acerca dos prognósticos estipulados pela lei a Lei Nº 10.639.

De acordo com a lei se espera um amplo debate na busca por uma realidade mais concreta de alunos que nos espaços escolares se veem distanciados da identidade cultural brasileira. Acredita-se que uma maior exploração desses autores no âmbito escolar proporcionará uma reconfiguração do país que responde a uma matriz multicultural afetada

* Doutoranda em Estudos Literários da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: janaina.sa@jc.iffarroupilha.edu.br

por euro-etno-centrismos.

Nesses termos, um nome passível de análise e de grande relevância na literatura brasileira produzida no final do século passado é o de Carolina Maria de Jesus. A escritora teve seu expoente com a publicação da obra *Quarto de Despejo* em 1960, cuja maior contribuição teria sido a denúncia da voz de uma moradora da favela e catadora de lixo que mostrava uma perspectiva *de dentro* desse meio. Carolina trazia ao público a descrição de um espaço marginalizado, com todas as reentrâncias pouco conhecidas das elites brasileiras da época. No período em que fora descoberta o público leitor exaltado buscava consumir esse novo discurso.

1 Contextualização: a necessidade da Lei

No ano de 2003, o Ministério da Educação sancionou a Lei 10.639, que estabelecia as diretrizes e bases da educação nacional. Com isso pretendia-se a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Desde então foram incluídos os seguintes artigos:

"Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

(Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.)

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

2 A perspectiva do negro como elemento representativo

No alvorecer das discussões que envolvem a questão do negro como um elemento representativo na sociedade brasileira, Gilberto Freyre, no ano de 1933, com a publicação de *Casa-grande & Senzala*, afirma: "Todo o brasileiro mesmo o alvo, de cabelo louro, traz na alma, quando não na alma e no corpo, a sombra, ou pelo menos a pinta, do indígena e/ou do negro." (SCHWARCZ:2012,p.49). Entende-se, que, nesse período a miscigenação era dada

como uma dádiva em que a convivência entre as três raças era pacífica e plenamente acordada. Esse primeiro movimento ficou conhecido como o da *democracia racial*.

Já na década de 50 outras discussões em relação à integração dos negros na sociedade brasileira se fizeram sentir, divergindo das anunciadas por Gilberto Freire. O então sociólogo Florestan Fernandes dá outro enfoque para esse diálogo, tomando o viés da desigualdade. Em sua análise, ele relata sobre a vida dos negros pós-abolição, que se viram ameaçados imigração que fora amplamente estimulada a se fazer presente em terras brasileiras. Nesse embate a relação entre negros e imigrantes não foi pacífica

O impacto da competição com o “estrangeiro” foi aniquilador para o negro e o mulato, [...]. Enquanto o branco da camada dominante conseguia proteger e até melhorar sua posição na estrutura de poder econômico, social e político da cidade enquanto o imigrante trocava sucessivamente de ocupações, de áreas de especialização econômica e de posições estratégicas para a conquista de riquezas, de prestígio social e poder, o negro e o mulato tinham que disputar eternamente as oportunidades residuais com os componentes marginais do sistema – “*como não serviam para outra coisa*” ou com os que “*estavam começando bem por baixo*”. (FERNANDES, 1965, p.10).

Carolina Maria de Jesus faz parte de um universo de cidadãos negros que não tinham sido incluídos na sociedade com a abolição da Escravatura de 1888. No campo da Sociologia muitos autores já vinham tentando configurar o caminho dos negros no intuito de lhes garantirem uma noção de pertencimento.

A escritora que conduzida pelo sonho desenvolvimentista da década de 50 se joga na aventura de tentar a sorte em São Paulo, deixando Sacramento, no estado de Minas Gerais, território de poucas possibilidades, somando-se ao monturo das aglomerações *residuais* concentradas nas periferias.

Na esteira dos debates sociológicos compreende-se que as desigualdades sociais verificadas desde o período pós-abolição estão condicionadas por políticas públicas que favoreceram benesses a determinada parcela da população brasileira. O negro, por sua vez, foi sendo empurrado para os bolsões de miséria e sobrevivendo à própria sorte. Nos cadernos de Carolina Maria de Jesus essas marcas de desigualdade social, bem como as de racismo são fortemente reconhecidas

Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei em suicidar. Eu me suicidando é por deficiência de alimentação no estômago. E por infelicidade eu amanheci com fome. Os meninos ganharam uns pães duro, mas estava recheado com pernas de barata. Joguei fora e tomamos café. Puis o único feijão para cozinhar. Peguei a sacola e saí. Levei os meninos. (JESUS, 1960, p. 90).

3 O espaço que ocupa

Na perspectiva de análise empreendida por Frantz Fanon em *Pele Negra, máscaras brancas* (1952) a questão étnica é abordada a partir de uma visão dos espaços psicológicos que esses indivíduos habitam e de que modo são assimilados diante do processo da diáspora africana. Pretende, portanto, resgatar a experiência vivida do negro, já que “a civilização branca, a cultura europeia, impuseram ao negro um desvio existencial”. (FANON, 2008, p.30).

Nestes termos, acredita-se que a narrativa de Carolina Maria de Jesus coaduna-se a esse senso de não pertencimento, ao mesmo tempo ela tenta criar resistência, denuncia, polemiza a hostilidade social sofrida por uma coletividade sem visibilidade.

Pelo prisma de sua negritude, ou seja, da perspectiva de seu corpo, de seu discurso, observa-se a ambivalência de planos pelos quais circula. Quando está na favela é destituída de apreço dos que estão a sua volta: “Eu percebo que se este diário for publicado vai maguar muita gente. Tem pessoa que quando me vê passar saem da janela ou fecham as portas. Estes gestos não me ofendem”. (JESUS, 1960, p. 20). Da mesma forma que quando está na cidade não encontra a possibilidade de encontrar o seu lugar

Quando eu vou na ¹ cidade tenho a impressão de que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferente da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com suas úlceras. As favelas. (JESUS, 1960, p.76).

A situação de insuficiência do indivíduo, relativa à obtenção de bens para a mínima sobrevivência, coaduna-se com a problemática do preconceito. Entretanto, Carolina é ‘sabedora’ do devido lugar que ocupa – moradora da favela do Canindé, não se mostra alienada em relação à condição que o negro ocupa na sociedade. Ela formula um discurso em que dialoga em pé de igualdade com o branco

[...] Um dia, um branco me disse: - Se os pretos chegassem ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece sua origem. O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o

¹ Grifo meu. Os erros referentes à norma culta estão presentes ao longo da obra da escritora Carolina Maria de Jesus. Esse não é o foco de análise de nossa investigação.

branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1960, p. 58).

No caso específico de *Quarto de despejo* diversos pontos de análise podem ser levantados. Contudo, não se pode menosprezar a voz recorrente que flui desses escritos: Carolina fala a partir da concepção de como vê o mundo, escreve a partir de sua experiência. Compreende-se escritora. Sabe, intuitivamente, pressupõe existir um público. Quem dará ouvido a uma pobre favelada? Mesmo vivendo em mundo distante afastado de possíveis leitores ela guarda seus cadernos, aspirando um dia se fazer ouvir. Escrever, no caso de Carolina, é a única esperança e, na perspectiva da alteridade, ela desejava ser promovida, no mínimo, a condição de ente social.

Hoje há uma *glamourização* da favela, percebida em programas de televisão, como nas novelas *Cheias de Charme* (2012), programas de auditório como o *Esquenta* (2011), além de séries como *Cidade dos Homens* (2002 – 2005), todas da Rede Globo. Fora do mundo midiático se podem fazer, a preços módicos, incursões à favela da Rocinha a título de se tomar conhecimento de quão *interessante* é a vida deslocada do centro.

Pensa-se que essas produções citadas acima, bem como o modo invasivo de se explorar o mundo da favela, demarcam ainda mais um desejo de afastamento desses territórios, compactuam ainda com o processo da falsa democracia racial e se afastam da real condição de quem vivencia efetivamente esses contextos.

Nesse intuito de promover a favela *cult* há uma tentativa de se explorar esses lugares como se fossem esvaziados de conflitos sociais históricos em nossa sociedade, tais como: tráfico de drogas, violência, aliciamento e morte de meninos e meninas. As recentes investidas das UPP (Unidades de Polícia Pacificadora) demonstram que nesses espaços se vive em momentos similares a uma guerra civil.

A obra de Carolina Maria de Jesus já noticiava a situação de descaso dos poderes públicos nos idos de 1960. Tempo em que a sociedade brasileira era dividida simplesmente entre ricos e pobres

[...] os ricos do Brasil tinham mais criados e empregadas domésticas do que em qualquer país do mundo ocidental, porque a mão de obra era muito barata. Permanecendo no interior rural ou migrando para as áreas urbanas, esses homens e mulheres viviam pouco acima do nível de subsistência, escondidos, de certa maneira, do cotidiano dos ricos. Que os pobres no geral tendessem a aceitar a própria sorte fazia com que fossem tratados como crianças, um subproduto do legado paternalista da sociedade brasileira. (LEVINE, 2001, p. 146).

Conclusão

Ao se experimentar a literatura de Carolina Maria de Jesus, principalmente a obra *Quarto de despejo* (1960), não se pode ficar indiferente. A voz de uma favelada e catadora de papel que se via afastada da sala de visitas, vivendo somente no quarto de despejo (favela) já denunciava a invisibilidade que alguns entes sociais desfrutavam. Desde sua publicação a temática já era recorrente e muitos avanços já vinham sendo empreendidos a partir dos debates sobre multiculturalismo, gênero, espaços de des/territorialização.

Além disso, não se podem negligenciar as conquistas dos movimentos negros que se organizam contundentemente a partir dos anos 70. A literatura enquanto representação da realidade tem como princípio também desempenhar um papel social, assim acredita-se que a inserção da obra *Quarto de despejo* junto aos currículos escolares aproximariam essas discussões na comunidade no intuito de se apontar saídas para esses impasses.

A lei nº 10.639 amplia e impulsiona os horizontes dos currículos para uma maior discussão em torno de nossas identidades, flexibiliza ações metodológicas, mas se deve atentar para as possíveis distorções que ainda estão incutidas em nosso imaginário brasileiro, de que não há racismo e preconceito em nosso cotidiano e que festivamente o *Brasil é um país de todos!* Portanto, o exemplo da voz de denúncia de Carolina Maria de Jesus suscita um grande ruído que ainda pode ser ouvido em nossos dias.

Referências

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. – Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. Vol I. O legado da “raça branca”. Dominus Editora. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1965.

LEI Nº 10.639. Ministério da Educação. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br>>. Acesso em: 10 set. 2014.

LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas**. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**/ Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... {et al.}. 1. ed. atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – Diário de uma favelada. Círculo do Livro. São Paulo: Editora Francisco Alves, 1960.

SILVA, Mário Augusto Medeiros. **A descoberta do insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960 – 2000). Mário Augusto Medeiros da Silva. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira/ Lilia Moritz Schwarcz. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.